

MARCAS DE ORALIDADE NA CARTA PESSOAL: APONTANDO TRAÇOS DE TRADIÇÃO NO DISCURSO

Elizabeth Christina Cavalcante da Costa (1); Cláudia Roberta Tavares Silva (2); Valéria Severina
Gomes (3)

Universidade Federal de Pernambuco, elizabethcosta@hotmail.com

Universidade Federal Rural de Pernambuco, claudiarobertats@gmail.com, lelavsg@gmail.com

Resumo: O presente artigo é resultado parcial de uma investigação sobre as marcas linguístico-discursivas que apontam para o que Koch & Oesterreicher (1985, 2006) chamaram de proximidade comunicativa. Assim, procura-se investigar, através das relações e papéis sociais dos escreventes, o que as marcas de oralidade despontam de Tradição Discursiva (TD). Para isso, selecionou-se um *corpus* de 189 cartas pessoais de pernambucanos datadas entre o período de 1860 a 1989 (respectivos séculos XIX e XX). Essas cartas foram coletadas na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e através de doações autorizadas. O *corpus* contém aproximadamente 49.500 palavras, estando as cartas divididas em: em cartas de amor, de amigo e de família. Nesse sentido, esta investigação fundamenta-se nas teorias de Brown & Gilman (1960), para observar a hierarquização das relações interpessoais e as escolhas de certas formas tratamentais; Conde Silvestre (2007) e Levinson (2007), para a compreensão dos papéis sociais dos interlocutores; Koch & Oesterreicher (1985, 2006) e Kabatek (2006), para a discussão relacionada às TD e à proximidade comunicativa e, finalmente, Pessoa (2002) e Soto (2007), para o tratamento do gênero carta pessoal. Os resultados iniciais obtidos evidenciam marcas linguísticas que apontam para o eixo comunicativo oral, seja de nível sintático, pragmático, semântico ou lexical. Essas marcas foram evidenciadas a partir do estudo performático da carta pessoal ao se observar o grau da publicidade ou privacidade da comunicação, o de familiaridade e afetividade (intimidade), o da implicação emocional, o de fixação ou liberdade temática e o de espontaneidade ou não da comunicação, revelando, assim, formas de escrever tradicionais do discurso.

Palavras-chave: proximidade comunicativa, tradição discursiva, carta pessoal, diacronia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A carta pessoal outrora foi um dos gêneros discursivos mais utilizados para a comunicação interpessoal. Hoje, é indiscutível que, mais que simplesmente substituída, houve uma transformação da carta em outros gêneros, como os gêneros digitais – que são as principais formas textual-discursivas de comunicação. Entretanto, para o estudo diacrônico da língua, a carta pessoal ainda ocupa um *status* substancial, sobretudo, por evidenciar o caráter íntimo e espontâneo das relações, além de revelar certas escolhas linguísticas que podem evocar tradições no discurso, ou ainda, de essas tradições serem constituintes da estrutura composicional do próprio gênero.

Propõe-se, nesse sentido, investigar não só as marcas linguístico-discursivas que apontam para o que Koch & Oesterreicher (1985, 2006) chamaram de proximidade comunicativa, como também, através das relações e papéis sociais dos escreventes, o que essas marcas de oralidade despontam de Tradição Discursiva (TD) em um *corpus* de 189 cartas pessoais de pernambucanos datadas no período de 1860 a 1989 (séculos XIX e XX) e subdivididas em cartas de amor, de amigo e de família. A análise embasa-se nos seguintes aportes teórico-metodológicos: Brown & Gilman (1960), para a hierarquização das relações interpessoais e na escolha de certas formas tratamentais; Conde Silvestre (2007) e Levinson (2007), para a compreensão dos papéis sociais dos interlocutores; Koch & Oesterreicher (1985, 2006) e Kabatek (2006), para a discussão relacionada às TD e à proximidade comunicativa e, finalmente, Pessoa (2002) e Soto (2007), para o tratamento do gênero carta pessoal.

À semelhança de Pessoa (2002) compreende-se aqui a carta pessoal como um dos gêneros mais significativos para a história das línguas por se poder observar as transformações da língua e da sociedade, a função do gênero em diferentes momentos históricos e, ainda, sua relevância na formação de outros gêneros.

Para o desenvolvimento da análise, este artigo estrutura-se da seguinte forma: na seção 1, seguiremos o caminho metodológico para análise dos dados e para performance da carta pessoal; na seção 2, discutiremos sobre os resultados parciais da análise e, na seção 3, apresentamos as considerações finais, centrando a atenção nos principais resultados obtidos neste estudo.

1. O CAMINHO PERFORMÁTICO DA CARTA PESSOAL

A presente análise encontra-se inserida na perspectiva da linguística sócio-histórica do português brasileiro. Escolheu-se, portanto, a carta pessoal por ser um documento histórico e por possuir um caráter íntimo e espontâneo. Através das cartas, são conhecidos o escrevente e seu contexto de vivência, podendo situá-la no espaço (local) e no tempo (data). Ademais, é possível observar as escolhas/estratégias linguísticas que podem dar pistas sobre o perfil social e as relações simétricas/assimétricas entre os escreventes (GOMES, 2014).

As missivas são de escreventes ilustres e não-ilustres e estão divididas nos seguintes subgêneros: 92 cartas de família, 41 cartas de amigo e 56 cartas de amor. Essa amostra totalizou aproximadamente 49.500 palavras. Na realização do tratamento do *corpus*, portanto, foram seguidas as normas de transcrição semidiplomática do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), pretendendo observar as marcas linguísticas presentes nas cartas pessoais que podem

apontar, segundo Koch & Oesterreicher (2006), para uma proximidade da comunicação face a face, isto é, para o eixo da oralidade. Assim, através da comparação e análise das 189 cartas nos dois séculos, observou-se que a maioria das cartas seguia o formato composicional que retoma a um conjunto de tradições internas ao gênero, sejam elas de amor, amigo ou família (*Ver quadro 1*).

Tradições da carta pessoal	Carta de família – José Mariano (século XIX)	Carta de família – Breno Braga (Século XX)
Local e data	Recife 27 de Abril de 1869	Recife, 11/9/1947
Saudação (<i>salutatio</i>)	Mio querido Pae – deixe-me sua benção.	Mamãe Abenção
Captação da benevolência (<i>captatio benevolentiae</i>)	Recebi a carta de Vosmecê com Data de 25 do corrente e fico inteirado de tudo quanto nella Vosmecê me n@ndou diser.	Recebi sua carta do dia 24 de Julho. Fico contente em saber que todos dahi estão bons.
Texto (<i>narratio</i>)	A respeito do telegramma eu soube porque o Gaspar me disse e eu já escrevi a Vosmecê nesse sentido; entretanto cumpre diser que o Guimarães [inint.] votou [palavra riscada] contra Vosmecê[...]	[...]Recebi o convite que o “novo ruminante” como diz o “esculapio”, me mandou. Está de parabens pelos esforços dispendidos. A zebra do “Zé” não respondeu meu telegrama pelo dia 26 e nem passou um para mim pelo dia 27 [...].
Pedido (<i>petitio</i>)	[...] Recomendamos a todos, lanse sua benção a meus manos [inint.] sempre.	Vocês devem fazer uma forçasinha e irem passar uns dias com eles em Dezembro, como você diz em sua carta.
Despedida/conclusão (<i>peroratio</i>)	Seo filho muito [amado]	Aqui termino enviando para todos vocês um apertadíssimo abraço, e para você um abraço especial do filho que sempre a quiz muito bem.
Assinatura (<i>scriptio</i>)	José Mariano	Breno

Quadro 1 – Estrutura retórica da carta pessoal, segundo Pessoa (2002)

Entretanto, foi constatado que algumas cartas, principalmente as de amigo do século XX, não corresponderam à estrutura acima destacada, sobretudo, as que tinham como finalidade comunicativa falar de negócios ou, ainda, realizar um convite. Isso corrobora o fato de que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, conforme defende Bakhtin (2003, p. 179):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade como as próprias esferas da atividade humana[...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada de recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Assim sendo, todos os nossos enunciados se baseiam em formas-padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo.

Isto é, a forma e o conteúdo dos gêneros não são estáticos e definidos eternamente e, portanto, se encontram inseridos em práticas sociais e históricas. É nesse sentido que Costa (2012, p. 145) afirma “[...] é o relacionamento entre os interlocutores que define o espaço que uma determinada carta pessoal poderá ocupar entre os diversos agrupamentos de cartas pessoais”. Sendo assim, em cartas de pouca extensão na sua escrita, percebeu-se que tinham como objetivo construir mensagens

rápidas ou, ainda, tinham uma finalidade muito específica, e por isso apresentaram instabilidade na organização retórica. Observe-se o exemplo a seguir:

(1) Carta de amigo do século XX - De Joaquim Nabuco para Dona Lucinda:

Local e data: Dezembro de 1904 - Não apresenta o local

Saudação (*salutatio*): Héllas! [...]

Captação da benevolência (*captatio benevolentiae*): Não apresenta

Texto (*narratio*): [...] Nós não temos| senão um minuto para| gozar de todo este espeta-|culo! E a peimeira impressão| d'elle é tão forte, tão inten-| sa, que se mistura a todas| as outras e as enfraquece...[...]

Pedido (*petitio*): Não apresenta

Despedida/conclusão (*peroratio*): Não apresenta

Assinatura (*scriptio*): Não apresenta

Dessarte, a performance da carta pessoal incluiu as escolhas linguísticas dos escreventes para constituir o perfil dos missivistas e de seus interlocutores (CONDE SILVESTRE, 2007). Para essa observância dos papéis sociais dos escreventes, optou-se pelo viés da teoria de *Poder & Solidariedade*, sobre a qual Brown & Gilman (1960) afirmam que existem relações de *Poder*, assimétricas, que estão ligadas à hierarquização das relações. Dessa forma, elegem-se certas formas de tratamento “não-recíprocas” na comunicação estabelecida entre os interlocutores. Já o parâmetro da *Solidariedade* está relacionado ao nível igualitário das relações interpessoais e da hierarquia social. Dessa maneira, ao analisar o gênero epistolar, distinguiram-se as seguintes relações entre os escreventes: I. relações assimétricas descendentes (de superior para inferior): pai-filho, mãe-filho; II. relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior): filho-pai, filho-mãe; III. relações simétricas: entre amigos e IV. relações simétrico-solidárias: entre casais.

As cartas coletadas na FUNDAJ e com doadores voluntários pertencem aos acervos de 14 grupos de escreventes. Salienta-se que foi realizada uma ampla descrição do perfil dos escreventes; dentre esses perfis, há cartas de escreventes ilustres e não-ilustres, com alto e baixo grau de escolaridade, a saber: **Arthur Orlando** – político e jornalista – cartas de família e amigos correspondidas entre o período de 1894-1929; **José Mariano** – líder abolicionista, político e jornalista – cartas de amigo e de família datadas entre 1869 a 1900; **Joaquim Nabuco** – político, diplomata, jornalista e jurista – cartas de amigos do período de 1872-1909.; **Arnaldo Guedes** – é sabido que foi casado com Erminda Petronila de Melo Mariz – as cartas são passivas do período de 1922-1930, de amigos com alto grau de escolaridade; **Ascenso Ferreira** – poeta – carta de amigo de 1962; **Gilberto Freyre** – sociólogo e escritor – cartas passivas, de família e de amigo do período de 1939-1969; **Manoel Borba** – promotor, político e industrial – cartas passivas (de amigo) e ativas (de família) do período de 1923-1924; **Mário Sette** – escritor e professor de Filosofia – cartas ativas de amigo e de família do período de 1905-1937; **Nelson Ferreira** – compositor e maestro – cartas

ativas (de amor) e passivas (de amigos) de 1925 e 1963; **Valdemar de Oliveira** – médico, escritor, teatrólogo e compositor – cartas ativas de família do período de 1907 a 1917; **Carlos Alberto Menezes** – engenheiro civil e líder católico – cartas passivas de amigo e de família do período de 1901-1904; **Breno Braga** – major do Exército brasileiro – cartas ativas de família do período de 1941 a 1948; **Casal J. & N.**¹ – escreventes não-ilustres – cartas de amor trocadas entre os dois escreventes. No acervo ainda constam cartas ativas de um sobrinho **S.** – escrevente com baixa escolaridade – a um tio abreviado como **J.**², datadas no período de 1980 a 1989.

Acredita-se então que carta pessoal é um dos gêneros mais significativos para a história das línguas, pois, através dela, pode-se estudar as transformações da língua, a sua função em diferentes momentos históricos e a sua contribuição para a formação de outros gêneros (PESSOA, 2002). Nessa perspectiva, o enfoque desta pesquisa não é apenas nas marcas de oralidade da carta pessoal, mas também na transformação social (SOTO, 2007), pois, a partir da reorganização da sociedade, evocam-se usos e tradições no discurso, que são atualizados diacronicamente, constituindo, assim, a historicidade do texto e da língua.

2. PROXIMIDADE COMUNICATIVA APONTANDO TD EM CARTAS PESSOAIS DE PERNAMBUCANOS NOS SÉCULOS XIX E XX

No que tange os estudos sobre norma e sistema linguístico³, Eugênio Coseriu (1979, p. 269) afirma que “[a] linguagem é uma atividade humana universal que se realiza individualmente, mas sempre seguindo técnicas historicamente determinadas[...]”. A partir dos estudos de Coseriu (1979), Koch & Oesterreicher (1985) reduplicam o nível histórico e distinguem dentro desse nível o domínio da língua histórica particular e o domínio da tradição dos textos. Dessa maneira, uma finalidade comunicativa perpassa dois filtros: o sistema e a norma da língua (línguas históricas) e as Tradições Discursivas (TD) definidas da seguinte forma por Kabatek (2006, p. 59):

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire o valor de signo próprio (é, portanto, significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de comunicação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

¹ Os nomes do casal encontram-se abreviados na intenção de preservar sua identidade. Os correspondentes cederam as cartas como doação para o projeto de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Valéria Severina Gomes.

² Idem

³ Segundo Coseriu (1981), o sistema abrange as possibilidades, as diretrizes e os limites funcionais de realização linguística, ou seja, são as possibilidades léxico-gramaticais de uma língua. Já as normas abarcam tudo que é estabelecido e é comum no que é linguístico tradicional e efetivamente utilizado.

Ao rever os três níveis da linguagem humana de Eugênio Coseriu, Koch & Oesterreicher (2006) destacam que a fala pertence ao nível Universal e neste compreende-se as ações históricas do falante, isto é, estão contidos neste nível as relações de *referenciação* a um objeto, de *predicação* sobre o objeto; de *orientação dêitica*, de *contextualização* dos enunciados e, até mesmo, o fato de assumir e compartilhar papéis na comunicação. É no nível Histórico em que a língua particular se situa enquanto técnica histórica e sistema de normas (ou seja, considera-se neste nível as variações das línguas naturais). Já, no nível Individual, situa-se o discurso como enunciação única e particular, conseqüentemente, é nele em que as tradições se repetem e se atualizam.

Nesse sentido, destaca-se que a presente análise não compreende a carta pessoal como uma simples transposição do meio fônico (concepção oral) para o meio gráfico (concepção escrita), mas, sim, considera-se o gênero em sua **escrituralidade** referente à sua realização no meio gráfico e à apresentação de traços da oralidade (KOCH & OESTERREICHER, 2006). Dessa forma, é necessário que se compreenda os aspectos universais da oralidade e da escrituralidade como um *continuum*. Para tanto, nesta análise do gênero carta pessoal, consideraram-se os aspectos composicionais retóricos do gênero e os parâmetros das condições comunicativas: o grau de publicidade ou privacidade da comunicação, o grau de familiaridade e afetividade entre os escreventes, o grau de implicação emocional, o grau de fixação ou de liberdade temática, o grau de ancoragem dos atos comunicativos na ação e na situação e do campo referencial, entre outros.

Sendo assim, nas cartas, são os vocativos e as expressões de despedida, ou a falta deles, sobretudo, que deixam pistas significativas do grau de familiaridade ou afetividade entre os missivistas, pois nota-se que, dentro das tradições que remetem à estrutura da carta, há outras redes de tradições como as formas fixas encontradas na saudação e na despedida, predominantemente, nas cartas de família e de amor. Ver exemplos a seguir:

Vocativos nas cartas de família – Século XIX e XX

- (2) Mio querido Pae - deixe-me sua | benção. (27 de abril de 1869)
- (3) Minha Filha (06 de setembro 1895)
- (4) Minha querida filhinha | Yayá. (13 de julho de 1900)
- (5) Mamãe Abeção (11 de setembro de 1947)
- (6) Papai || Abenção (20 de abril de 1948)

Vocativos nas cartas de amigo – Século XIX e XX

- (7) Meu caro Arthur (02 de julho de 1894)

(8) **Arnaldo**, meu grande amigo, [...] (21 de abril de 1922)

Despedidas nas cartas de família do século XIX e XX

- (9) [...] abraços a todos e de sua mãe | **as saudades que nunca tera fim** | Lembranças a [Sianinha] || Izabel M^a Fragoso (06 de setembro de 1895)
- (10) Adeus *minha filhinha*. Não | deixa de mandar-me sem-| pre noticias de Olegario. | Aceitem a *minha* benção || **Teu pae do coração** || J. Mariano (13 de julho de 1900)
- (11) Recomendamos a todos, lanse **sua** | **benção a meos manos** [inint.] **sempre**. || **Seo filho muito [amado]** || José Mariano (27 de abril de 1869)
- (12) A Papai **Você** e Bilu | ca mando muitos abraços. | **Da filha sau<†dosa>** || **Pupu**. (16 de agosto de 18XX)
- (13) **Aqui** termino enviando para todos vocês um apertadíssimo | abraço, e para **você um abraço especial do filho que** | **sempre a quiz muito bem, Breno** (11 de setembro de 1947).

As expressões destacadas nos trechos acima de despedida nas cartas de família evidenciam as escolhas linguísticas dos escreventes nas relações de hierarquia assimétrica ascendente ou descendente, indicando que a implicação emocional demonstra também que tipo de relação e intimidade há entre os interlocutores. Para exemplificar, em (12) e (13), os remetentes para seus pais, em uma relação assimétrica-ascendente, utilizam-se da forma tratamental que, nessas cartas, guarda um caráter mais conservador e menos íntimo, o *Você*. Nessa perspectiva, em (10) e em (11), vê-se o respectivo uso dos possessivos *Teu* e *Seu* corroborando o afirmado por Rumeu (2013) e Gomes (2014) de que o uso do possessivo do paradigma de *Tu* revela uma maior intimidade entre os missivistas. Ademais, Brown & Gilman (1960) dizem que o paradigma de *Tu* outorga o lugar da *Solidariedade*, enquanto os usos de *Você* e do possessivo *Seu*, revelariam uma relação de possível assimetria (*Poder*), como em (11). Outro aspecto que indica a proximidade ou distância comunicativa é a *dêixis* de lugar em (13) “aqui”⁴, que oferece pistas sobre o lugar de referência contextual do remetente para o destinatário.

As cartas de amigo nos dois séculos revelaram que as expressões de saudação e despedida empregadas também se relacionam com o grau de intimidade e, este, confirma o fato de que quanto mais amigo e íntimo, maior o grau de implicação emocional das expressões (COSTA, 2012), apontando, assim, para uma aproximação entre os escreventes e entre os aspectos retóricos do próprio gênero carta pessoal com o eixo da oralidade.

Despedidas nas cartas de amigo – Século XIX e XX

- (14) Apresenta os meus respeitos a *excelentíssima* | e **aceita um saudoso abraço** | do [**Phaelante**] (02 de julho de 1894)
- (15) **Um abraço emotivo para todos os teus**. Para a tua querida | pessoa, a alma entristecida mas sempre amiga do teu [inint.] corde Lourival (24 de julho de 1930)

⁴ A *dêixis* do exemplo (13) é uma marca recorrente do interlocutor Breno Braga no fechamento das cartas.

- (16) **Com um abraço forte, para Voce e os demais | amigos**, Uchôa o general [ate], assigna-lhe, seu do coração. [espaço] Ascenso Ferreira (25 de junho de 1962)

De mesmo modo, é preciso destacar a assinatura ao final da carta, pois, em algumas correspondências, identificou-se que quanto maior a intimidade/familiaridade, mais se dispensava o sobrenome ou o nome, ou ainda, tratava-se pelo apelido, indicando proximidade comunicativa.

Assinaturas da carta de família – Século XIX – na carta de José Mariano para a filha e para o pai, respectivamente:

- (17) Teu pae do coração|| **J. Mariano** (13 de julho de 1900)
(18) Seo filho *muito* [amado] || **José Mariano** (27 de abril de 1869)

Assinaturas da carta de amigo – Século XIX – nas cartas de amigos para Arthur Orlando:

- (19) saudoso abraço| do [**Phaelante**] (02 de julho de 1894)
(20) Do collega e amigo certo. || **Estevão**. (09 de julho de 1895)

Contudo, algumas cartas, tanto do século XIX quanto do século XX, apresentaram instabilidade em relação à assinatura, por exemplo, Izabel Maria Fragoso, sogra de Arthur Orlando, assinava o nome completo em suas cartas para a filha, mesmo ela e sua filha possuindo uma grande relação de intimidade demonstrada pela liberdade temática (assuntos) em suas correspondências. Esse comportamento, possivelmente, evidencia a tradição composicional do gênero em relação ao ato de assinar com nome e sobrenome e, sobretudo, revela que a manutenção dessa tradição em uma relação de intimidade pode ser devido à hierarquização dessa mesma relação. Para adequar-se às necessidades e preferências de uma interação próxima da oralidade, o escrevente poderia optar por acrescentar ou apenas utilizar o apelido, como em (24)⁵:

- (21) Para ti muitos abraços || **Izabel Maria Fragoso** (17 de junho de 1895)
(22) Lembranças a [Sianinha]|| **Izabel M^a Fragoso** (06 setembro de 1895)
(23) sua mãe || **Izabel Fragozo** (15 de junho de 1896)
(24) Sua filhinha || Carinhosa || **Maria Arthur Fragoso da Silva**. | **Maroca** (08 de novembro de 1900) – da esposa de Arthur Orlando para a mãe).

As cartas de amor do século XX que serão exemplificadas abaixo são de missivistas não-ilustres, com baixo grau de escolaridade, trocadas entre um casal de noivos nos anos de 1949 e 1950, totalizando 50 correspondências. O casal nasceu no Recife, mas, em um determinado momento, N. (noiva) mudou-se para Goiana (PE), por isso, teve que se corresponder via carta com J (noivo). Embora as cartas tenham sido escritas por pessoas de pouca escolaridade, identificou-se que obedecem à estrutura do gênero, mostrando que as tradições perpassam o discurso

⁵ É necessário destacar que a maioria dos exemplos expostos até o momento são cartas coletadas em acervos de escreventes ilustres com alto grau de escolaridade. Isso explica a escolha do léxico, a grafia com poucos ou com menos desvios que as cartas de escreventes não-ilustres.

independentemente do nível de escolarização. Nas cartas do casal, fica evidente a proximidade com o meio fônico, pois muitas das palavras escritas estão ancoradas na fala. Por ser religioso, o casal sempre evoca uma tradição da religião protestante ao desejar “paz do Senhor”, uma forma de dizer recorrente que evoca um cumprimento comum da fala dos evangélicos, o que se configura como uma tradição discursiva constitutiva das cartas do casal. Ao se despedir, também foram identificadas pistas de uma tradição comunicativa própria dos escreventes:

Vocativo (saudação) / Despedida

(25) Querido Z **paz do senhor**[...] / [...] **Nada mais** quem te ama. | N. L. de Paiva (21 de maio de 1949)

(26) N. a **paz do Senhor** / [...] E a qiu ficar **nas maiores auzencia** di ti| [espaço]Não demore es crever| [espaço] ||O teu esquecido Noivo J. R. Bezerra (J. para N. – 10 de dezembro de 1949)

(27) Queridinho **paz do Senhor** / [...] **Nada mas** só com nossa| presencia|| tua fiel noiva que tanto te| ama.||[espaço] N. L. P. (de N. para J. – 10 de janeiro de 1950)

(28) Queridinha a **paz do Senhor** / [...]termino ficando **em uma das m-|aiores saudade** di ti quem não| Ci esquece di ti um so momento| Na vida teu Noivo J.R.|B. (De J. para N. – 13 de maio 1950)

Essas marcas textual-discursivas corroboram com afirmação de Costa (2012, p. 154) de que “as formas utilizadas na abertura e fechamento das cartas são a expressão da construção de um relacionamento, que, de início, pode ser entendido como de apenas conhecimento e de certo distanciamento e que, posteriormente, torna-se um relacionamento próximo, íntimo e pessoal com reflexos nas escolhas linguísticas”. Por isso, os diversos exemplos de vocativos, de formas de despedida e assinaturas escritas nas cartas contribuem para verificar vestígios que conduzem o gênero carta pessoal e a relação dos interlocutores para o polo da proximidade comunicativa. Isso se verifica através das condições comunicativas, tais como: a privacidade de comunicação, que indica o caráter mais ou menos público da comunicação. Nesse parâmetro, leva-se em consideração o número de interlocutores participantes do ato comunicativo e o grau de implicação emocional, diretamente relacionado à afetividade dos interlocutores, deixando transparecer na comunicação a expressividade oral; o grau de fixação ou de liberdade temática, que diz respeito ao desenvolvimento temático e, por último, a familiaridade entre os interlocutores, referente à experiência comunicativa prévia entre os missivistas. De modo geral, as epístolas do casal possuem grande liberdade temática:

Já o interior do *narratio* representa o corpo do texto. Nele encontra-se todo o assunto da carta. Tradicionalmente, não é fácil se fixar o modelo de um *narratio* na correspondência por ela

apresentar temática de cunho livre, mas, mesmo assim, no desenvolvimento da carta, encontra-se outro conjunto de tradições no discurso.

Na maioria das 50 cartas de amor do século XX, N. & J., por exemplo, perguntam se o correspondente está bem, como está a família, pedem orações, demonstram os sentimentos, entre outros assuntos (Ver exemplos 29 e 30). Desse modo, constatou-se que há uma regularidade de assunto entre esses dois interlocutores que alimentam a intimidade enquanto noivos, aproximando as distâncias físicas que há entre eles:

- (29) [...] Escrevi **relatando-te as saudades** que eu tenho de ti. É neste venturoso momento em que me veio a Inspiração de **responder a tua cartinha** demonstrando-te o sinar embalavel amizade que ti consagrei só Jesus sabe eu mesmo não sei te explicar. Jugu-me a mais vem turoza das criatura amada dedicado ~~(meu)~~ meu coração a teu amor não é assim querido? [...]” (02 de agosto de 1949 – carta de N. para J.)
- (30) [...] N. vou por mais destas mau atrasada linha **responder a tua adoraveu cartinha** e tambem **darte as minha noticias** que estou bem graça au meu bom Deus não vou melhor porque tu sabe quem amar sofre muito porque são grande as saudade **o meu coração viver desasparado de saudade di ti** embora voser nao reconheça e pense que e fingimento meu mais Deus saber, N. voser diz que eu estou muito silencioso e porque eu não puder escrever pra voser ainda é [...]” (05 de outubro de 1949 – carta de J. para N.)

Costa (2012) afirma que o *narratio*, ou núcleo do texto, é a parte na qual os interlocutores articularão a razão pela qual estão escrevendo a carta, portanto, dentro do próprio *narratio* situam-se tradições, uma delas diz respeito a uma das diversas funções sociais da carta, o estabelecimento da amizade. Nesta análise percebeu-se que, nas cartas de amor, esse estabelecimento ocorre através da consolidação do contato, servindo para a manutenção do relacionamento à distância entre o casal, estabelecendo a intimidade através da expressividade emocional entre os escreventes:

Narratio – carta de amor do século XX

- (31) [...] Hoje pego na minha **rude pena** para enviar-te estas linhas e dar-te minha noticias. Ao receber sua cartinha **fiquei alegre ao ler fiquei triste em saber que você esta doente** mas isto e doença passageira [...] (02 de setembro de 1949 - carta de N. para J.).
- (32) [...]N. neste **momentos mais ipetuoso das maiores saudade** em que comço a distribuir uma **[p]arte das dores e angustias** que viver enzolando **o meu coração, é neste momento com a minha mão tremola e meu pensamento agitado por ti procura em minha fraca vista** e não poder ti ver querida N. [...] (15 de novembro de 1949 – carta de J. para N.).

Estabelecimento da amizade - Cartas de amigo dos séculos XX

- (33) Pouca sublimidade de sentimentos humanos viu **você** em torno de **você** mesmo, durante esses quatro anos em que a maioria suppunha que **você** governava tudo, **até mesmo a insensatez e a imbecilidade alheias!** (18 de dezembro de 1919 – carta de Aurélio Domingues para Manoel Borba).
- (34) **Não pode imaginar o que foi aquilo!** Quase exilado no interior do Estado e sem esperança de retornar tão cedo ao Recife – aquela leitura me provocou uma grande emoção. (17 de setembro de 1957 – carta de João Emerenciano para Gilberto Freire).
- (35) **De alma embandeirada, radiante, amanheci mergu- | lhado num oceano de felicidade**, pois sabia que um grande amigo amanheceria enruquecendo as páginas dos jornais, an- | te a noticia alviçareira de ter

recebido o pomposo título | de CIDADÃO DO RECIFE. (20 de fevereiro de 1963 – carta de autor desconhecido para Nelson Ferreira).

Destaca-se que o estabelecimento da amizade também se constrói na carta através do grau de intimidade em que o enunciador, expressiva e afetuosamente, enaltece de alguma forma o coenunciador, ou seja, há uma espécie de ativação da emocionalidade sendo dirigida ao interlocutor (KOCH e OESTERREICHER, 2006). A afetividade e a emocionalidade podem ser identificadas pelos usos de recursos linguísticos que expressam a emoção do interlocutor, como os fraseologismos (33) e (34) e, igualmente, a hipérbole, como em (35).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados, até então obtidos, portanto, através das marcas de oralidade, têm confirmado que o fenômeno de *Tradição* está diretamente relacionado à historicidade dos textos, das fórmulas e das expressões tradicionais, que caracterizam gêneros institucionalizados e atos de falas. Já o *Discursivo*, que é o que qualifica a tradição como tradição linguística, relaciona-se mais intimamente com a intencionalidade do dizer (SCHLIEBEN-LANGE, 1993). Assim, ao considerar a relação de proximidade/distância comunicativa entre os correspondentes pernambucanos, a partir do perfil social dos escreventes e das suas escolhas linguísticas, verificaram-se traços de proximidade/distância comunicativa próprios da carta pessoal que apontam para um conjunto de tradições do gênero, corroborando o que Kabatek (2006) afirma sobre a conceituação das TD, pois, para ela, abarcam todo tipo de tradição do falar e isso inclui também um conjunto de tradição interna a um gênero – estes, portanto, foram o enfoque desta primeira análise. Dessa forma, ao constituir o caminho performático da carta pessoal e o perfil social dos escreventes, foi possível perceber *o que* e *o como* foi dito pelos interlocutores para se estabelecer a produção dos sentidos. Logo, nota-se que há dimensões de TD que vão desde os elementos constitutivos de um texto ao gênero como um todo, ocorrendo uma evocação comunicativa que repete certas formas textuais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 2003.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A (eds.). *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1960. p. 253-276.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA, A. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A (Orgs.). *História do português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRRN, 2012.

GOMES, V.S. *Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX)*. Relatório de atividades acadêmicas do Estágio Pós-Doutoral em Letras Vernáculas, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Nov., 2014. 52 p.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. In: GUIOMAR, C.; KONSTANZE, J.; KAISER, D. e LOPES, C.R.S. (Eds.). *Sincronía y Diacronía de Tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt a.m.: Vervuert, 2006.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoria del Lenguage. In: _____ . *Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano*. Madrid; Editorial Gredos, p. 20-42, 2006.

_____. Linguagem da Imediatez – Linguagem da Distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Munique: *Romanistisches Jahrbuch*, vol. 36, 1985, p. 153-174.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. Tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari; revisão da tradução Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LONGHIN, S.R. *Tradições Discursivas: conceito, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.

PESSOA, M. B.. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. p. 198-205.

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SCHLIEBEN-LANGE, B. Normas do falar, da língua e dos textos. In: _____. *História do falar e história da linguística*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

SOTO, E. U. M. S. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF, 2007.